

ALIENÍGENA KAYAPÓ



Considerados fantasmas do Xingu, os índios *Kubenkrâkein* e *Kayapó*, do sul do Pará, aterrorizavam os invasores de suas terras com ataques relâmpagos. Em 1951, ajudei na pacificação dessas tribos e na montagem de um posto de assistência para os índios, às margens da Cachoeira da Fumaça, que os nativos chamavam de *Tipôtikré* (que quer dizer "casa da andorinha"), no município de São Félix do Xingu. O nome Kayapó é um apelido, pois estes índios são mesmo chamados de *menbengôkré* – termo que deriva de *men*, que significa gente, *be*, que quer dizer ser, *ngô*, palavra que os índios usavam para denominar a água, e *kré*, que pode ser traduzido como buraco ou casa. Literalmente, *menbengôkré* significa "gente que veio do buraco na água".

Além dos *kubenkrâkein*, são conhecidas naquela região as aldeias *Gorotire*, *Xikrin*, *Men-krâgnoti*, *kokrainôro*, *Txukahamãe* e *Kren-akôre*. Em 1952, eu e minha equipe pudemos fotografar um interessante ritual praticado por estes nativos em memória a uma personagem mítica que chamam de *Bep-kororoti*. Esse ser seria um extraterrestre herói e civilizador que teria chegado até a região numa estrela ou canoa voadora. Contam os índios que *Bep-kororoti* pousou na Cachoeira *Tipôtikré*, especificamente numa montanha situada no divisor de águas dos Rios Fresco e Riozinho, afluentes do Rio Xingu, no sul do Pará. Tal ser teria vivido e miscigenado com os ancestrais Kayapó. E

quando retornou ao Cosmos, levou a mulher e o filho, mas deixou a filha casada e grávida.



Na oportunidade que tivemos de conhecê-los, tínhamos por objetivo documentar fotograficamente as atividades dos pajés no citado ritual. Eles se

vestiam com uma curiosa indumentária composta de macacões e capacetes de palha traçada. Nove anos depois disso, já em 1961, assistíamos deslumbrados a façanha do astronauta russo Yuri Gagarín, circulando a órbita da Terra na cápsula espacial Vostok I. Depois, foi à Lua, na Apollo XI. Comparando as imagens desses astronautas com a de *Bep-kororoti*, o ET Kayapó, verificamos grande similaridade entre elas. Isso despertou nossa curiosidade.

A fantástica história do *Bep-kororoti* Kayapó assume veracidade porque é ensinada na Casa dos Homens ou Escola Tribal, que os índios chamam de *eng-ób*. Essa história torna-se especialmente realista porque seus personagens se vestem com indumentárias apropriadas, tais como máscaras sagradas (macacão e capacete), e por usarem espingardas como representação do que chamam de *kóp* – uma arma desintegradora que o referido ET parecia portar quando veio dos céus. Antes de nós, vários antropólogos fizeram menção à tal lenda, porém não

tiveram oportunidade de ver os pajés no drama representativo.

A primeira publicação da história de *Bep-kororoti* deu-se na revista "O Cruzeiro", quando o autor suíço Erich Von Däniken veio ao Brasil lançar sua obra "Eram os Deuses Astronautas?", um bestseller de 1968. Empolgado pela força que a matéria deu ao evento, Däniken interessou-se em filmar o astronauta kayapó. Porém, os rituais indígenas acontecem sem qualquer previsão e faltou uma oportunidade apropriada. Assim, Däniken transcreveu a lenda de *Bep-kororoti* descrevendo-o como um guerreiro do espaço em seu livro "Semeadura e Cosmos", de 1972. Esse mito é sempre contado por *Bep-noy*, o prestigiado e sábio conselheiro *Güey-babã*, também denominado *menkukrodjo-tum* – termo que significa literalmente "gente idosa que acumula conhecimentos e nos dá de presente". Vejamos parte de uma de suas descrições:



"Os nossos avós contaram que os menbengôkré eram nômadas e viviam de caça e pesca. Uma noite estavam acampados ao pé da Serra Pukatôti, uma montanha que causava desconfiança e medo porque estava sempre coberta de brumas e misteriosos barulhos, seguidos de relâmpagos. Naquela ocasião, o barulho e os relâmpagos foram provocados por um objeto voador não

identificado que passou sobre eles e parou no alto da montanha. Pela manhã, os guerreiros mais valentes foram verificar. Quando iam subindo a montanha apareceu entre as brumas um kuben, um estrangeiro grande, um invasor com aspecto físico esquisito".

A interessante história contatado pelo sábio Güey-babã vai mais longe: "O kuben tinha um olho só, sem que aparecesse boca ou nariz. Não possuía cabelos e estava armado com uma poderosa clava que lançava raios que desintegravam pedras e árvores. Quem tentava agarrá-lo levava um choque tão forte que caía desacordado. Enquanto os guerreiros lutavam bravamente, o invasor, indiferente, divertia-se às gargalhadas sabendo que ninguém podia com ele. Quando os índios perceberam que, apesar de forte e poderoso, o adversário não queria matá-los, desistiram da luta e fugiram. Vez ou outra, a estranha personagem era avistada nas trilhas da montanha, sem que fosse perturbado pelos guerreiros, que preferiam ignorar sua presença".

A lenda, mais complexa do que se imagina, dá conta de que o kuben passou a visitar com mais frequência a terra dos Kayapó. Güey-babã continua sua narrativa: "Uma certa tarde, alguns jovens foram banhar-se num lago e avistaram outro invasor. Porém, ao contrário do gigante das montanhas, este era bonito, tinha a pele clara, era alto, esguio e forte. E estava no banho completamente nu. O estranho também avistou os menbengôkré, mas pareceu indiferente a sua presença, agindo com naturalidade. Os guerreiros foram olhá-lo de perto e tentaram falar com ele. O estrangeiro então disse que se chamava Bep-kororoti, que tinha chegado do céu

e havia sido atacado por eles na montanha. Os jovens ficaram surpresos e disseram que não era verdade, pois eles tinham atacado um monstro".



Essa é, sem dúvidas, uma história interessante. Contam ainda os índios que, divertido, o viajante do espaço mostrou a roupa protetora que havia tirado para tomar

banho, e que estava no chão. Os jovens índios ficaram alegres com a descoberta e levaram o estranho para o acampamento. *Bep-kororoti* foi descrito como sendo alegre e esperto, tendo ensinado os índios a construir uma aldeia circular e uma praça com a Escola Tribal (*ngó-be*), que funcionasse como centro de atividades – entre as quais estavam cânticos, danças, discursos, trabalhos manuais para melhorar o *djudê* (arco), a *kruá* (flecha) e a *kô* (bodurna). A *kóp*, uma clava e que se servem os indígenas para ataque e defesa, foi copiada da poderosa espada triangular que *Bep-kororoti* trazia consigo.

Além disso, o visitante organizou a liderança na tribo, de forma que o chefe da aldeia – chamado de *Benadiôro* – precisava ser atencioso com o pessoal. Ele era aquele que tinha mais deveres do que direitos. Foi *Bep-kororoti* quem também determinou que o Conselho de Anciãos da aldeia teria que ajudar o chefe a tomar decisões, e as famílias, enfeitadas com penas e pinturas corporais, devessem representar a fauna do local. E assim o povo Kayapó estabeleceu suas bases de

funcionamento. *"Dessa forma nosso povo ficou sabido e organizado"*, disse o sábio *Güey-babã*. Mas essa não foi toda a missão de *Bep-kororoti*: ele também se casou e teve filho entre os índios.

Com o passar do tempo, o comportamento de *Bep-kororoti* mudou, passando a conviver mais tempo junto de sua filha, chamada *Niôpoti*, nas proximidades da Serra *Pukatôti*. Um dia, durante uma caçada, ele discutiu com os companheiros e sumiu no mato. Por alguma razão, cobriu sua família com uma pintura preta e a deixou num abrigo. Em seguida, vestiu-se com um traje perigoso que dava choques, chamado de *Bô*. *Bep-kororoti* ainda estava armado com sua *kóp*, a tal clava que atirava raios ofuscantes e desintegradores. Numa atitude inusitada para os nativos, ele desafiou a tribo.

Os *men-bengôkré* pensaram que ele havia enlouquecido e procuraram dominá-los à força. Porém, como os índios já haviam percebido por ocasião da chegada do visitante à montanha, ele era invencível. *Bep-kororoti* subiu a Serra *Pukatôti* e, momentos depois, foram ouvidos trovões e raios que alcançaram sua família, tendo ela sumido após isso. Em seguida, uma "estrela ou canoa voadora" – como os nativos a descreviam – foi subindo ao céu envolta em fumaça e relâmpagos, até desaparecer nas nuvens. *Niôpoti*, sua filha casada e grávida, ficou na aldeia.

Após a partida de *Bep-kororoti*, a região foi assolada por mudanças climáticas, o povo passou grandes necessidades e as doenças mataram muita gente. Foi então que *Niôpoti* falou ao marido que podia ajudar na solução dos problemas, mas ambos teriam

que subir a Serra *Pukatôti* para obter ajuda. Como a montanha era proibida, *Niôpoti* custou a convencer seu marido e, quando finalmente chegaram lá em cima, ela cobriu-se e a seu filho com tinta preta. Depois, sentou-se numa espécie de canoa e pediu ao marido que esperasse sua volta. Feito isso, provocou um tipo de explosão e o objeto no qual estava sentada voou e sumiu por entre as nuvens. Dias depois, outra "estrela voadora", no dizer dos índios, desceu do céu trazendo-a com o filho e a mãe. Todos trouxeram remédios (*pidiô*), alimentos e sementes (*kukren*), porém depois de os entregarem, voltaram para o espaço sideral e desapareceram.



Finalmente, atendendo às recomendações de seu pai, *Niôpoti* levou o povo para morar na Serra *Pukatôti*. Lá em cima da montanha sagrada, encontraram o que chamaram de *men-babankent-kré*, ou "casa de pedras feitas por Deus". O grupo passou a habitar tais casas conjuntamente por muitas e muitas gerações. Enfim, essa é a história de *Bep-kororoti*, o *kuben* que chegou numa canoa voadora e mudou a vida dos Kayapó. Mas um fato curioso se deu algum tempo depois, em 1969, quando pacificamos alguns grupos indígenas *suyá*, também chamados "Beißos de Pau", residentes na região do Rio Arinos, em Mato Grosso.

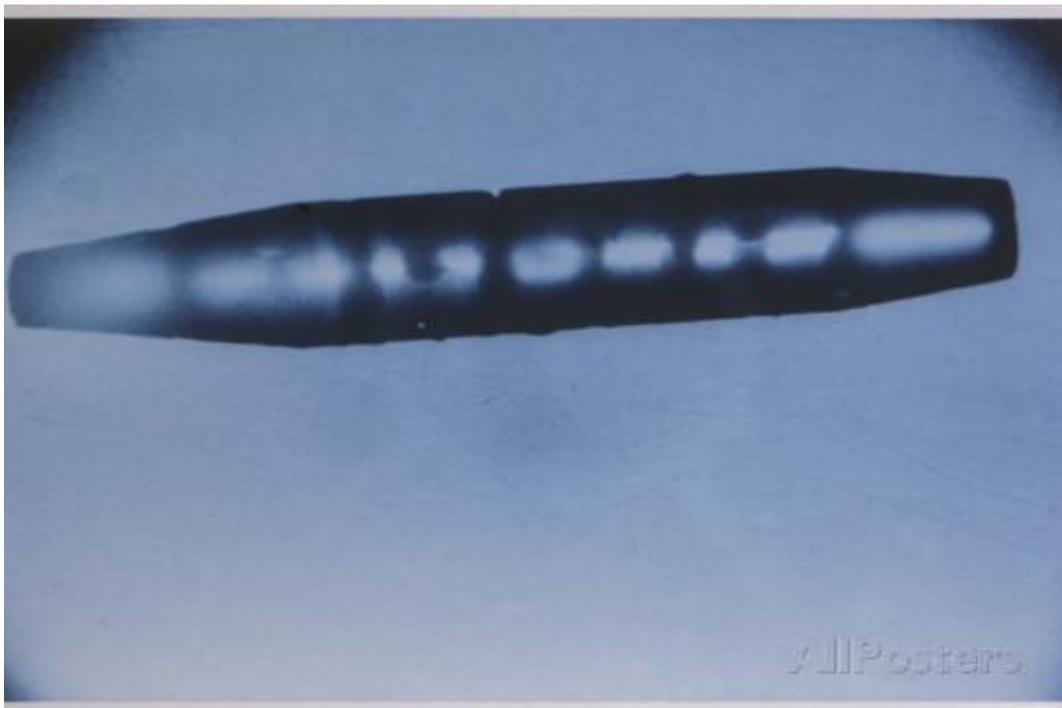
Quando isso aconteceu, eu e minha equipe levamos ao Rio de Janeiro dois jovens daquela tribo,

chamados *Kairá* e *Tariri*, ambos com 15 anos de idade. Quando assistimos juntos na televisão os norte-americanos liderados por Armstrong pisarem na Lua com trajes espaciais, *Tariri* apontou assustado para o astronauta na tela e disse: "*Bep-kororoti*". Os Kayapó têm uma frase bastante interessante para definir sua história e a do homem civilizado: "*O céu é a terra do povo que mora em cima. E a terra está no céu do povo que mora em baixo*". Eles acreditam que seus ancestrais vieram do céu para habitar o paraíso terrestre.

João Américo Peret é jornalista e indigenista de renome internacional.

Fonte: Revista UFO número 61 (Dezembro de 1998).

Este é um de muitos casos comprovativos da interação entre os Extraterrestres e os povos indígenas, um pouco por todo o Mundo.



ANTÔNIO VILLAS-BOAS



Este caso ocorreu em Outubro de 1957 e envolveu o então jovem Antônio Villas-Boas, na fazenda de sua família, situada em São Francisco de Salles, no Estado de Minas

Gerais. A fazenda abrange campos extensos e muitas plantações. Para lavrar as terras, a família de Villas-Boas usa um trator com o qual trabalham em duas turmas, uma diurna e outra noturna. De dia, trabalham os empregados da fazenda e à noite, por sua vez, o próprio Antônio Villas-Boas, sozinho ou acompanhado de seus irmãos, lavra as terras com o trator.

Tudo começou na noite de 05 de Outubro de 1957. Naquela noite, a família de Antônio Villas-Boas se recolheu para dormir por volta das 23:00 horas. Fazia bastante calor naquela noite e, por isso, Villas-Boas abriu a janela, que dá para o terreiro. Neste momento, ele avistou uma luz brilhante, que iluminava todo a área. Era uma luz bem mais clara do que a do luar e Villas-Boas não conseguiu distinguir sua procedência – apenas que vinha do alto como se

um forte holofote estivesse direcionado para o chão. Diante disso, Villas-Boas chamou seu irmão para mostrar o estranho fenômeno. Apesar do quadro inusitado, ambos não deram muita importância e fecharam a janela para dormir. No entanto, aquela luz não saía da cabeça de Villas-Boas e, sentindo uma curiosidade imensa, tornou a levantar-se e abriu a janela para ver o que se passava lá fora. A luz continuava inalterada, no mesmo lugar. Villas-Boas ficou com o olhar fixo naquela luz quando, de repente, a mesma se deslocou para perto de sua janela. Assustado, Villas-Boas fechou a janela com tanta força que acordou seu irmão e, dentro do quarto escuro, ambos acompanhavam a luz que entrava pelas venezianas da janela. Logo em seguida, a luz se deslocou para o alto do telhado da casa, onde penetrou pelas frestas entre as telhas. Finalmente, depois de alguns minutos, a luz desapareceu e não retornou mais.

Em 14 de Outubro houve um segundo incidente que ocorreu por volta de 21:30 ou 22 horas.

Naquela ocasião, Villas-Boas trabalhava com o tractor em companhia de um outro irmão. De repente, eles avistaram uma luz muito clara, penetrante, a ponto de fazer doer suas vistas. Segundo o depoimento de Villas-boas, a luz era grande e redonda, como uma roda de carroça, e estava na ponta norte do campo. Ela era de um vermelho claro e iluminou uma grande área. Ao observarem melhor, distinguiram alguma coisa dentro daquela luz, mas não conseguiram precisar o que era, pois sua vista ficava totalmente ofuscada. Curioso, Villas-boas foi em direção da luz para ver o que era, porém, assim que se aproximou, ela se

deslocou repentinamente e velozmente para a ponta sul do campo, onde ficou novamente parada. Villas-Boas correu atrás da luz, que então, tornou a voltar para onde estava antes. Finalmente, Villas-Boas desiste de tentar chegar na luz e volta para junto de seu irmão. Por uns poucos minutos, a luz ficou imóvel, à distância; ela parecia emitir raios intermitentes, em todas as direções. Em seguida, desapareceu tão repentinamente, que deu a impressão que ela simplesmente “se apagou”.



Na noite do dia seguinte, 15 de Outubro, Villas-Boas trabalhou sozinho com o trator. Era uma noite fria e o céu noturno estava claro e estrelado. Por volta da 01 hora da madrugada, Villas-Boas viu uma estrela vermelha. No entanto, logo percebeu que não se tratava de uma estrela, pois aumentava progressivamente de tamanho e parecia se aproximar velozmente dele. Dentro de alguns poucos instantes, a estrela se revelou um objeto brilhante, com o formato de um ovo, que se dirigia na direção de Villas-Boas com uma velocidade incrível. Sua aproximação era tão veloz que já estava sobre o trator antes de Villas-Boas ter qualquer reação. De repente, o objeto parou a uma altura estimada pelo protagonista como em torno de uns 50 metros, e bem acima de sua cabeça. O trator e o campo ficaram iluminados como se fosse de dia.

Essa situação durou uns dois minutos e Villas-Boas, hesitante, sem saber o que fazer, ficou

paralisado. Finalmente, a luz tornou a se deslocar e parou a uns 10 a 15 metros à frente de seu trator, para então, lentamente, pousar no solo. Nesse momento, já era possível distinguir nitidamente os contornos da máquina: era parecida com um ovo alongado, apresentando três picos, um no meio e um de cada lado; eram picos metálicos, de ponta fina e base larga. Villas-Boas não pôde distinguir sua cor por causa da forte luz vermelha que o objeto emitia. Em cima havia algo girando a alta velocidade que, por sua vez, emitia uma luz vermelha fluorescente.

De repente, a parte debaixo do objeto se abriu e deles saíram três suportes metálicos... e isso aterrorizou totalmente Villas-Boas, que via que algo iminente iria acontecer com ele. Não disposto a esperar para ver do que se tratava, Villas-Boas pôs o pé no acelerador, desviou-o do objeto voador e tentou escapar; porém, após avançar alguns metros, o motor parou e os faróis se apagaram. Aterrorizado, ele tentou dar a partida, mas o motor não pegou mais. Em vista disso, Villas-Boas pulou do trator, que estava atrás do objeto, e correu desesperadamente. Porém, um



minúsculo ser estranho, que mal chegava a altura dos seus ombros, pegou em seu braço. Chocado, Villas-Boas aplicou-lhe um golpe que o fez perder o equilíbrio, largar o seu braço e cair para trás. Novamente, tentou correr quando, instantaneamente, três outros seres alienígenas pegaram-me por trás e pelos lados, segurando seus braços e pernas.

Villas-Boas perdeu o equilíbrio e acabou ficando totalmente dominado pelas criaturas. Os seres o levantaram do solo, sem que ele pudesse esboçar sequer o menor gesto. Tomado pelo mais completo desespero, Villas-Boas tentou se livrar dos alienígenas, mas os seres o seguravam firme e não deixaram que ele conseguisse escapar. Neste momento, Villas-Boas gritou por socorro e xingou as criaturas exigindo que o soltassem – mas nada adiantou. Os alienígenas levaram-no, então, para sua nave que estava pousada sobre suportes metálicos. Na parte traseira do objeto voador havia uma porta, que se abria de cima para baixo, e, assim, servia de rampa. Na sua ponta havia uma escada de metal, do mesmo metal prateado das paredes da máquina, e que descia até o solo. Os alienígenas estavam com a situação completamente dominada e só tiveram dificuldade em fazer Villas-Boas subir pela escada, que só dava para duas pessoas, uma ao lado da outra – e não era firme, mas móvel, balançando fortemente a cada uma das tentativas de Villas-Boas se livrar dos seus raptoreiros. De cada lado havia um corrimão, com a espessura de um cabo de vassoura, no qual Villas-Boas agarrou para não ser levado para cima – o que fez com que os alienígenas tivessem de parar, a fim de desprender à força as suas mãos do corrimão.

Por fim, os alienígenas conseguiram arrancar as mãos de Villas-Boas do corrimão e levá-lo para o interior da nave. Logo em seguida, deixaram Villas-Boas num pequeno recinto quadrado. A luz brilhante do teto metálico refletia-se nas paredes de metal polido – era emitida por numerosas lâmpadas quadradas, embutidas debaixo do teto, ao redor da

sala. Logo em seguida, a porta de entrada, junto com a escada recolhida, levantou-se e se fechou. O que impressionou Villas-Boas é que, uma vez a porta fechada, ela se integrada à parede de tal forma que era impossível percebê-la. Um dos cinco seres presentes apontou com a mão para uma porta aberta e fez Villas-Boas compreender que deveria segui-lo para aquele recinto. Cansado, estressado e vendo que não tinha qualquer outra alternativa, Villas-Boas obedeceu à criatura. Dentro desse recinto, os únicos móveis existentes eram uma mesa de desenho esquisita e várias cadeiras giratórias, parecidas com as nossas cadeiras de balcão de bar. Todos os objetos eram de metal. A mesa e as cadeiras tinham um só pé no centro.

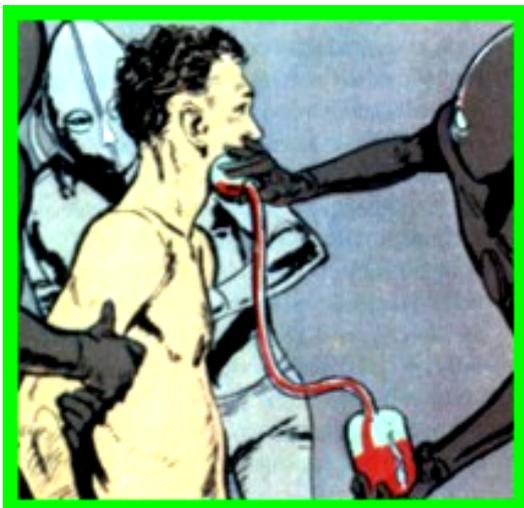
Os seres alienígenas continuavam segurando firmemente Villas-Boas e pareciam conversar entre si numa linguagem estranha e incompreensível – pareciam estar discutindo. Quando finalmente deu a entender que os alienígenas tinham chegado a uma



decisão, os cinco pararam de falar entre si e começaram a tirar as roupas de Villas-Boas. Claro que Villas-Boas não gostou nada da ideia de ficar pelado; e então, reagindo, começou a tentar se defender de todas as formas, inclusive debatendo-se, gritando e xingando os seres. Não adiantou: Villas-Boas ficou completamente nu. Um dos meus alienígenas se aproxima de Villas-Boas segurando algo que parecia ser uma espécie de esponja, com a qual passou um líquido em todo o seu corpo. Era uma esponja bem

macia e o líquido era bem claro e inodoro, porém mais viscoso do que a água. Primeiro, Villas-Boas pensou que fosse um óleo, mas chegou a conclusão que não era porque a sua pele não ficou oleosa, nem gordurosa. Quando passaram aquele líquido no corpo de Villas-Boas, ele sentiu um frio intenso, e tremeu muito; no entanto, logo o líquido secou e Villas-Boas já não sentia mais nada.

Então, três dos alienígenas levaram Villas-Boas para a porta, do lado oposto daquela pela qual eles haviam entrado no interior da nave. Um deles tocou em algo bem no centro da porta, que, em seguida, se abriu para os dois lados, como uma porta de encaixar, de bar, feita de uma só folha, do piso ao teto. Em cima, havia uma espécie de inscrição com letreiros luminosos, vermelhos; os efeitos da luz deixaram aqueles letreiros salientes, destacados da porta em um ou dois centímetros. Eram totalmente diferentes de quaisquer dos símbolos ou caracteres conhecidos. Villas-Boas tentou gravá-los em sua memória, mas não conseguiu.



Em companhia de dois seres alienígenas, Antônio Villas-Boas ingressou numa pequena sala quadrada, iluminada como os demais recintos, e a porta fechou-se atrás deles. De repente, a parede tornou a se abrir e pela porta entraram mais dois seres; levavam nas mãos dois tubos de borracha vermelha, bastante grossos, cada um

medindo mais de um metro. Uma das pontas do tubo estava ligada a um recipiente de vidro em forma de taça; na outra ponta havia uma peça de embocadura, parecida com uma ventosa, que colocaram sobre a pele, debaixo do queixo. Antes do alienígena iniciar sua operação, comprimiu o tubo de borracha fortemente com a mão, como se dele quisesse expelir todo o ar. Logo no início, Villas-Boas não sentiu dores, nem comichão, mas notou apenas que sua pele estava sendo sugada. Em seguida, Villas-Boas sentiu uma ardência e teve vontade de coçar no local. Neste momento a taça se encheu lentamente de sangue até a metade. Logo em seguida, retiraram o tubo de borracha e substituíram-no por outro. Novamente Villas-Boas sofre nova sangria, só que dessa vez no outro lado do queixo. Nesta segunda sangria, os alienígenas encheram a taça de sangue. Terminada essa operação de retirada de sangue, os alienígenas se retiraram do recinto e deixaram Villas-Boas sozinho no recinto.

Por mais de meia hora, António Villas-Boas ficou a sós na sala. Segundo seus depoimentos, não havia móveis, exceto uma espécie de cama, sem cabeceira nem moldura. Como estava se sentido cansado, Villas-Boas sentou-se naquela cama. No mesmo instante, começou a sentir um odor forte, estranho e que lhe causou náuseas. Villas-Boas teve a impressão de estar inalando uma fumaça grossa, cortante, que o deixou quase asfíxiado. Talvez fosse isso mesmo que estivesse acontecendo, pois, quando examinou a parede da sala com mais atenção, notou uma quantidade de pequenos tubos metálicos embutidos na parede, à altura da sua cabeça.

Semelhantes a um chuveiro, os tubos apresentavam múltiplos furinhos, pelos quais saía uma fumaça cinzenta, que se dissolveu no ar. Villas-Boas estava preso na sala e os alienígenas estavam aplicando um gás lá. Sentindo-se bastante mal e com ânsias de vômito, Villas-Boas foi para um canto da sala e acabou vomitando. Em seguida, pôde respirar sem dificuldades, porém continuava a se sentir mal com aquele cheiro.

Até aquele momento, Antônio Villas-Boas não fazia a menor ideia de qual era a aparência dos alienígenas que o haviam raptado. Os cinco usavam macacões bem colantes, de um tecido grosso, cinzentos, muito macios e, em alguns pontos, colado com tiras pretas. Cobrindo a cabeça e o pescoço, usavam um capacete de mesma cor, mas de material mais consistente, reforçado atrás, com estreitas tiras de metal. Esse capacete cobria toda a cabeça deixando à mostra somente os olhos que Villas-Boas pôde distinguir através de algo parecido com um par de óculos redondos. Acima dos olhos, o capacete tinha duas vezes a altura de uma testa normal. A partir do meio da cabeça, descendo pelas costas e entrando no macacão, à altura das costelas, Villas-boas notou três tubos redondos de prata, dos quais não soube dizer se eram de borracha ou metal. O tubo central descia pela coluna vertebral; à esquerda e à direita desciam os dois outros tubos, até uns 10 centímetros abaixo das axilas. As mangas do macacão eram estreitas e compridas; os punhos continuavam em luvas grossas, de cinco dedos, da mesma cor. Nenhum dos macacões tinha bolsos ou botões. As calças eram compridas e colantes e

continuavam numa espécie de botas. Todavia, a sola dos sapatos deles era de quatro a sete centímetros de espessura. Era bem diferente dos nossos sapatos. Nas pontas, os sapatos eram levemente encurvados para cima.

Depois de passado um longo tempo que Villas-Boas não soube precisar, começou um ruído na direção da porta. Villas-Boas virou-se naquela direção e deparou-se com uma moça aproximando-se lentamente. Estava totalmente nua e descalça. Seus cabelos eram macios e louros, quase cor de platina – como que esbranquiçados – e lhe caíam na nuca, com as pontas viradas para dentro. Usava o cabelo repartido ao meio e tinha grandes olhos azuis,



amendoados. Seu nariz era reto. Os ossos da face, muitos altos, conferiam às suas feições uma aparência heterogénea, deixando o rosto bem largo e com o queixo pontudo, que ficava quase triangular. Tinha os lábios finos, pouco marcados, e suas orelhas eram exatamente como a de nossas mulheres terrestres. Tinha um corpo lindo, segundo Villas-Boas, e com os seios bem formados, firmes e altos. Sua cintura era fina. Os seus quadris eram largos, as coxas compridas, os pés pequenos, as mãos finas e as unhas normais. Ela era de estatura bem baixa – mal chegava nos ombros de Villas-Boas.

Essa alienígena se aproximou de Villas-Boas, em silêncio, e fitou-o com seus olhos grandes – não deixando dúvidas para com suas intenções. De repente, ela abraçou Villas-Boas e começou a esfregar seu rosto e corpo contra o dele. A porta tornou a se fechar e Villas-Boas ficou a sós com aquela alienígena. Considerando a situação em que se encontrava, isso parece um tanto improvável. Mas Villas-Boas acredita que a excitação pode ter sido resultado do líquido que passaram por todo o seu corpo. De qualquer forma, Villas-Boas não conseguiu mais refrear seu apetite sexual – acabaram tendo várias relações sexuais. Depois, a alienígena ficou cansada e começou a respirar ofegantemente. Segundo Villas-Boas, ele ainda estava excitadíssimo – o que demonstra que não era um estado de excitação sexual comum e natural. Antônio até tentou transar mais, mas ela recusou continuar com o sexo. No momento da recusa, Villas-Boas se sentiu mal: ele percebeu que queriam ele apenas como um reprodutor para algum tipo de experiência. Apesar disso, segundo seu próprio depoimento, ele tomou o cuidado para não deixar que percebessem a sua irritação; afinal, ele se encontrava nu, num lugar estranho, com seres estranhos, completamente sem chance de fuga e, sendo assim, não seria muito prudente e inteligente demonstrar qualquer tipo de hostilidade.



Pouco depois de seus corpos terem se separado, a porta se abriu e um dos alienígenas chamou a moça. Antes de sair

da sala, ela virou-se para António Villas-Boas e apontou, primeiro, para sua barriga, depois, com uma espécie de sorriso, para o próprio Villas-Boas e, por último, para o alto – como se quisesse dizer que Villas-Boas iria ser pai de uma criança que irá viver no espaço.

Logo em seguida, um dos alienígenas voltou com a roupa de Villas-Boas e ele, por sua vez, se vestiu imediatamente. Segundo Villas-Boas, os alienígenas lhe devolveram tudo, menos um isqueiro que tinha em um dos bolsos – apesar de cogitar a possibilidade de que ele possa ter caído no chão no momento da luta na hora que o estavam capturando. Quando Villas-Boas terminou de se vestir, os alienígenas o levaram de volta para o mesmo recinto que estavam antes de ter entrado naquela sala. Chegando lá, três dos tripulantes estavam sentados nas cadeiras giratórias, grunhindo um para o outro (acho que conversavam). Aquele que veio buscar Villas-Boas juntou-se a eles e deixaram-no sozinho. Enquanto eles “falavam entre si”, Villas-Boas tentou gravar na memória todos os detalhes ao seu redor e observava minuciosamente tudo quanto ali se passava. Assim, reparou que dentro de uma caixa com tampa de vidro que estava sobre uma mesa havia um disco parecido com um mostrador de relógio; havia um ponteiro e, no lugar dos números 3, 6 e 9, uma marcação negra. Somente no lugar em que normalmente está o número 12, havia quatro pequenos símbolos negros, um do lado do outro.

Naquele momento, já bem mais calmo, António Villas-Boas teve a ideia de pegar aquela coisa e

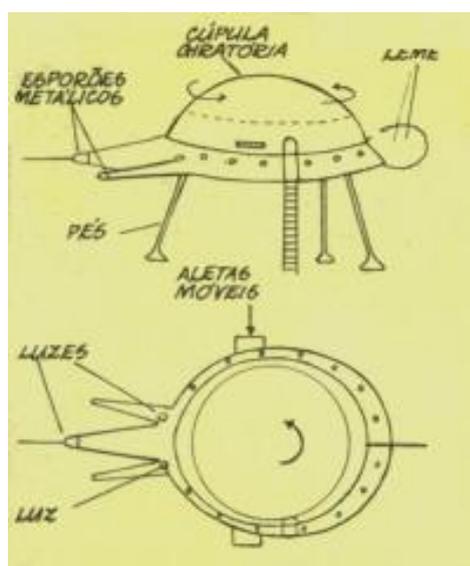
levá-la consigo – a título de ter uma prova concreta de sua inacreditável aventura de abdução. Imaginando que se os extraterrestres percebessem seu interesse por aquele objeto, talvez acabassem presenteando-o com o mesmo, tratou de se aproximar dele, aos poucos, e, quando os seres não olhavam, puxou-o da mesa com as duas mãos. Villas-Boas estimou que aquele objecto pesava, pelo menos, uns dois quilos. Porém, os alienígenas não deram tempo para que Villas-Boas olhasse o objeto de mais perto; pois, com a rapidez de um raio, um dos seres acabou empurrando Villas-Boas para o lado, tirou a caixa de suas mãos e, aparentemente furioso, tornou a colocá-la no lugar. Intimidado com a ação do alienígena, Villas-Boas recuou até a parede mais próxima e ficou parado, imóvel.



Enfim, depois de vários minutos, um dos alienígenas se levantou e fez um sinal para que Villas-Boas o seguisse.

Assim, atravessaram a pequena antessala, até a porta de entrada, já aberta e com a escada descida. No entanto, ainda não desceram, mas o ser fez Villas-Boas compreender que devia acompanhá-lo até a rampa que havia em ambos os lados da porta. Ela era estreita, mas permitiu dar uma volta completa ao redor da nave. Primeiro foram para frente e lá Villas-Boas viu uma protuberância metálica sobressaindo da nave; na parte oposta havia essa mesma protuberância.

Em frente, o alienígena apontou para os picos de metal. Os três estavam firmemente ligados à nave; a do meio, diretamente com a parte dianteira. As três esporas tinham a mesma forma, base larga, diminuindo para uma ponta fina e sobressaindo horizontalmente. Elas brilhavam como metal incandescente, mas não irradiavam nenhum calor. Um pouco acima das esporas metálicas havia luzes vermelhas; as duas laterais eram pequenas e redondas, ao passo que a da parte dianteira era enorme. Eram os possantes faróis. Acima da rampa, ao redor da nave, estavam dispostas inúmeras lâmpadas quadradas, embutidas no casco. Seu brilho vermelho reflectiu-se na rampa, a qual, por sua vez, terminava em uma grande placa de vidro grosso, que entrava fundo no revestimento de metal. Como não havia janelas em parte alguma, Villas-Boas julgou que aquela vidraça serviria para olhar para fora, mesmo que não desse boa visão, pois, visto de fora, o vidro parecia bastante turvo.



Após a vitória da parte frontal da máquina, o alienígena levou Villas-Boas para a parte traseira (que apresentava uma curvatura bem mais pronunciada do que a da dianteira), mas, antes disso, pararam mais uma vez, quando o alienígena apontou para cima, onde estava girando a imensa cúpula em

forma de prato. Ao girar lentamente, mergulhava numa luz esverdeada, cuja fonte não era possível detetar; simultaneamente, emitia um som parecido com assobio. Quando, mais tarde, a máquina descolou, as rotações da cúpula se aceleraram progressivamente, até desaparecer por completo, e, em seu lugar, permanecer apenas um brilho de luz vermelho-clara. Ao mesmo tempo, o ruído cresceu para um estrondoso uivar. Depois de ter mostrado toda a parte externa da nave para Villas-Boas, o alienígena o levou para a escada metálica e deu a entender que ele estava livre para ir embora. Ele apontou primeiro para si próprio, depois para Villas-Boas e, finalmente, para o quadrante sul no céu. Em seguida, fez sinal de que ia recuar e desapareceu no interior da nave.

A escada metálica foi se recolhendo e a porta da nave se fecha. As luzes das esporas metálicas do farol principal e da cúpula ficaram progressivamente mais intensas com o aumento das rotações. Lentamente, a máquina subiu, em uma linha vertical, recolhendo, ao mesmo tempo, seu trem de pouso. O OVNI subiu devagar, até uns 30 a 50 metros de altura; lá parou por alguns segundos, enquanto sua luminosidade se tornava mais intensa. O ruído de uivar tornou-se mais forte, a cúpula começou a girar com uma velocidade enorme, ao passo que sua luz foi se transformando progressivamente, até ficar vermelho-clara. Naquele instante, a nave inclinou-se ligeiramente para o lado, ouviu-se uma batida rítmica e, repentinamente, desviou-se para o sul, desaparecendo de vista uns poucos segundos depois.

Finalmente, Villas-Boas voltou para o seu trator. À 01:15 horas foi levado para o interior da nave alienígena e retornou somente às 5:30 horas da madrugada – por mais de quatro horas ficou sob tutela dos seres alienígenas. Com o passar do tempo, Villas-Boas formou-se em Direito, casou-se e teve quatro filhos. Esse caso foi minuciosamente investigado pelo Dr. Olavo Fontes. Um dos elementos mais impressionantes na experiência de Villa-Boas são as marcas escuras que começaram a surgir em seu corpo, cujas investigações indicaram como possível causa de um processo de intoxicação radioativa.



Formação de OVNI.

CABO ARMANDO VALDÉS



CABO ARMANDO VALDÉS

No dia 25 de Abril de 1977, o cabo Armando Valdés desaparecia em plena noite sob os olhos de seus soldados: uma bola luminosa imensa lá estava a algumas dezenas de metros de uma fogueira que brilhava na noite. Graças à agência **FRANCE PRESSE**, um jornalista chileno, correspondente da agência internacional, tinha recebido instruções para seguir permanentemente o caso e obter o máximo de precisão sobre as sequências deste encontro de terceiro grau. Infelizmente, o cabo Armando Valdés e seus sete soldados não podiam ser achados, pois tinham sido literalmente sequestrados pelos serviços especiais do Exército chileno. Chegar ao contacto de Valdés era algo impossível.

Mais tarde, no começo de Maio de 1978, uma informação interessante: o cabo Valdés e seus soldados tinham sido levados, no dia 25 de Abril de 1978, ao próprio lugar em que se tinham dado os acontecimentos. O Exército chileno tinha interditado o perímetro durante aquela tentativa de reconstituição. Enfim, em Dezembro de 1978, a direção da Agência FRANCE PRESSE em Paris informava que seu correspondente no Chile conseguirá obter com exclusividade mundial, a primeira entrevista do Cabo Valdés desmobilizado. Pois este militar de carreira deixara o exército – sem dúvida marcado por uma aventura que ninguém ainda pôde explicar. Eis o documento. Nota-se que o cabo Valdés, muito calmamente, dá notícias precisas sobre sua fantástica aventura.



NOVEMBRO DE 1978 – ARICA, CHILE

PERGUNTA – Cabo Armando Valdés, depois de 18 meses e considerando o acontecimento com mais calma, poderia contar-nos de novo e resumidamente sua experiência?

CABO VALDÉS – Era um dia comum, durante o qual eu efetuara o serviço que me incumbia, de maneira rotineira. Por volta de meia-noite e trinta ou quarenta minutos mais ou menos, um dos meus homens, que com outro estava no posto a pouco mais de 30 ou 40 metros do lugar em que nos encontrávamos, chegou

correndo para nos fazer saber que alguma coisa estava para acontecer naquele instante.

No começo eu pensei que se tratasse de um problema com os animais que estavam sob nossa guarda, ou alguém do campo de Putre se aproximava.

Então, quando eu saí com quase todos os meus homens para ver o que estava acontecendo e pude ver, assim como todos os outros, uma grande luz que descia a grande velocidade, diante de nós, sobre uma pequena colina de 500 a 600 metros.

Logicamente, pensei na luz de algum cometa ou de qualquer coisa assim. À primeira vista, aquilo parecia mais um fogo de artifício, mas depois de alguns segundos, a luz se manteve parada e aumentou rapidamente, para finalmente desaparecer atrás do morro. É preciso dizer que um grande clarão saía de trás daquela elevação, como se a luz tivesse se mantido atrás daquele topo.

Imediatamente, quase instantaneamente – e disso eu me lembro bem – pensei em ir ver aquela luz, acompanhado de um dos meus homens. Mal tinha dado a ordem, quando um dos meus homens que não me lembro mais qual deles era, deu alerta para outra direção, muito diferente do ponto para a qual estávamos todos voltados, quase à nossa esquerda.



O que vimos em seguida nos encheu de espanto e de medo no começo. Ninguém naquele momento supusera que se

tratasse de um OVNI ou de qualquer coisa desse gênero.

Era uma luz de 20 metros de diâmetro mais ou menos – já não me lembro bem disso – de forma oval e mais resplandecente no centro. Via-se claramente que aquela luz era produzida por qualquer coisa... Mas qual? Eu sinceramente não sei.

A partir daquele momento, meus homens e eu começamos a experimentar estranhas sensações, como se interiormente qualquer coisa estivesse totalmente tomando conta de nós. Não sabemos até hoje como aquela luz apareceu, mas somente que ela estava lá como que para nos impedir de passar para a primeira luz que tínhamos visto. Desde aquele instante, meus homens começaram a perder o controle e a ficar desencorajados. Sem saber nem quando, nem como, resolvemos segurar uns aos outros pelos braços... Se me lembro bem, fui eu quem deu essa ordem. Ficamos naquela posição durante bastante tempo. Alguns de meus homens rezavam ou choravam, se me recordo direito. Ajoelhamo-nos todos para orar.

Quanto a mim, como chefe da patrulha, convinha que tomasse uma iniciativa qualquer. Pus-me então a gritar com todas as minhas forças para aquela luz, pedindo sua identificação, etc., mas sabendo bem, no meu íntimo, que não obteria coisa alguma e que estava falando ao nada.

Um momento depois, os animais e os cavalos que lá se encontravam começaram a se comportar de maneira estranha diante daquele fenômeno. Por exemplo, o gado se reagrupou em redor de seus elementos mais

velhos, como faz quando está livre. Olhavam todos para a luz provando-nos assim que viam também o fenómeno.

Tudo aquilo nos fazia supor que estávamos na presença de qualquer coisa estranha e talvez mesmo perigosa, uma vez que os próprios animais estavam com medo do fenómeno.

Ao final de algum tempo – não saberia dizer quanto – dei a ordem de apagar o fogo que nós mantínhamos aceso, supondo que poderiam ser suas chamas que estivessem atraindo a atenção daquela luz. Devo também assinalar que o fogo crepitava de maneira anormal. Foi pois com a intenção de apagar a fogueira que nos separamos, afastando-nos uns dos outros quatro ou cinco passos, não mais que isso.



Tive, então, uma ideia. Agora, mais clamo e tendo quase esquecido do caso, não sei explicar por que comecei a avançar para a luz. Sabia – creio eu – que nada obteria. Foi como qualquer coisa de estranho, como uma força que me tivesse impulsionado para ir ao encontro dela, a seis ou sete passos normais do lugar em que se encontravam meus homens. A partir daquele momento, não me lembro mais nada. Sei unicamente o que os meus homens, quase espontaneamente, me contaram no dia seguinte.

Conforme eles, eu desapareci de suas vistas, para reaparecer mais tarde no mesmo lugar em que se supunha que eu tinha desaparecido. Sentia-me estranho, dizia coisas incoerentes em meio a umas espécies de espasmos e de crises de histeria. Posso afirmá-lo, agora que relembro tudo aquilo com mais calma.

Eu me recordo de que, ao voltar a mim, de manhã, me encontrei sentado, sem saber como poderia estar naquela posição. Por instantes, pensei que tinha adormecido, mas lembrando-me de tudo o que tinha acontecido. Lembro-me ainda de ter chamado meus homens para lhes perguntar se de facto se tinha passado alguma coisa. No fundo, acreditava que aquilo tinha sido um sonho e eu não queria passar ridículo diante deles. Mas não foi assim. Meus homens confirmaram, com detalhes, tudo o que se tinha passado, e diria que para mim, até o presente, tudo aquilo parece inacreditável ou quase impossível de se acreditar.

O que se passou em seguida é longo para contar: deram-se várias coisas comigo. Sentia uma grande fadiga corporal e uma forte dor nos rins, como se tivesse feito grandes esforços. Lembro-me de que naquele dia, em menos de duas horas, fumei quase uma carteira de cigarros. Estava à beira de uma crise de nervos, o que se podia observar também com todo o pessoal que se encontrava comigo no campo de Putre.

Todos repararam que minha barba parecia de 10 dias e eu a tinha feito na véspera. O estranho era que meus homens não apresentavam essa característica. Tinham

apenas experimentado um choque nervoso e se tinham inquietado sobretudo comigo. Era eu que me apresentava mais nervoso... como dizer... estava com os nervos mais exaltados.

Quando agora repasso tudo mais calmamente... minha barba, meu nervosismo, minha extrema fadiga física, tudo enfim que se passou naquele momento, minha maneira de agir, minha aparição naquele dia, como se eu tivesse partido em patrulha uns dez dias mais ou menos, o facto de que o calendário de meu relógio avançara 5 dias e o facto de que ele ficou parado durante quase todo o acontecimento, não encontro nenhuma explicação para tudo aquilo.

Que pensa você agora daquela experiência, bem como os membros da patrulha que o acompanhavam?

Para mim, pessoalmente – desde que o resto da patrulha não está comigo – aquilo foi qualquer coisa de assombroso e inexplicável para minha compreensão. Mas posso dizer que naquela noite se passou alguma coisa... Que coisa? Não poderei nunca explicá-lo a mim mesmo.

Há outros detalhes sobre o ocorrido de que você se tenha lembrado depois, quer dizer, nos meses seguintes?

Para dizer verdade, eu tentei, pelo menos na época, lembrar-me de qualquer coisa que me pudesse explicar o que se passara. Mas não consegui. Não me recordava de nada.

Nestes últimos tempos, você teve de novo experiências com os OVNI's?

Absolutamente não.

Que pensa agora a respeito dos OVNI's?

Para mim seria tão natural vir a saber que é alguma coisa de um outro sistema, como de ter a prova de que todos esses fenômenos são produzidos por elementos naturais ou talvez pelo homem, em qualquer parte.

Após essa experiência, a que exames você foi submetido?

Fora das perguntas formuladas pelos jornalistas, submeteram-me a um eletroencefalograma e a ser examinado por psicólogos, parapsicólogos, médicos e por especialistas, com uma quantidade de testes psicológicos de toda a sorte, quanto sei. Fizeram-me todos esses exames no Hospital Militar de Santiago do Chile. E por último, o que mais me surpreendeu foi o exame a que me fez submeter o major Eduardo Arriagada, do Estado-Maior: ao detetor de mentiras.

Você foi submetido, por exemplo, a uma hipnose? E se afirmativo, quais foram os resultados dessa prova?

Não me fizeram exame algum dessa espécie, embora me tivessem feito a este propósito numerosas propostas vindas de diferentes meios, até mesmo de certos países que se comprometeram a levar a bom termo essa empresa sob a tutela e com todas as garantias. Isso me foi igualmente proposto pelo Hospital Militar. Mas até o presente – e agora menos que antes – não aprovei esse tipo de exame.

Este caso o afetou psicologicamente?

Até o momento, não constatei mudança e isso não me tem preocupado.

Você tem tido sonhos estranhos?

Muitos, mas não creio que tenham a ver com o caso. Uma vez apenas, e não estava sonhando. Alguns dias após o acontecimento de Arica, sucedeu-me o seguinte: estava deitado ao lado de meu companheiro de quarto, com a luz acesa. De repente, senti uma estranha sensação em mim. E imediatamente – pela primeira vez – a liguei ao fenómeno de dias atrás. Senti-me inteiramente imobilizado e com os olhos completamente abertos... desperto... Senti uma forte pressão no peito e, em seguida, uma pressão sobre o corpo todo. Senti ainda qualquer coisa me tocar – não sei o quê – qualquer coisa que tentou me levantar pelo dorso. Tentei-me mexer e pedir a ajuda ao meu companheiro, que se encontrava naquele compartimento, de costas ou sob as cobertas – não me lembro bem. Não me entreguei. Mas meu esforço foi tal que lutei – psicologicamente ou fisicamente não sei – contra aquela pressão, até que consegui escapar de tal força. Ao mesmo tempo, dei um grito terrível, chamando meu companheiro que saltou da cama para verificar o que tinha acontecido.

Estava completamente suado e extenuado, tomado por uma grande exaustão. Naquela noite, não dormi mais. Estranho foi que meu companheiro não tinha percebido nada e eu tinha acabado de me deitar. Tinha terminado de ler uma revista. Até o presente, fora a

experiência que tinha tido, esta foi a que me causou mais medo. Não gostaria de passar de novo por isso.

Há pessoas que tenham tido experiências semelhantes com OVNI's e que tenham tido contacto com vocês?

Sim, mas não semelhantes. Muito próximos. Não me lembro de seus nomes porque a maior parte deles me contou seus casos por acaso, quando me encontravam em algum lugar e me reconheciam ou lhes dizia meu nome. Há, somente, uma história mais especial de um colega de trabalho, referente à sua esposa que recentemente tem sentido e ouvido certas coisas. Ele a tem visto levantar-se e escrever, fazer equações, cálculos, coisas de que ela é a primeira a se admirar, pois ignora a que se referem os resultados. Também faz estranhos desenhos cujo significado desconhece.

As fotos de Paul Trent.



Estamos em McMinnville, Oregon, no dia 11 de Maio de 1950. Na sua quinta, Evelyn Trent está a alimentar os coelhos ao fim da tarde quando avista ao longe um estranho objeto no ar. Rapidamente, a primeira reação desta é chamar o seu marido Paul Trent para vir ver o fenómeno. O objeto é

metálico e aparenta ser muito claro, quase prateado, e redondo, com uma estranha forma na parte de cima. Paul ainda consegue pegar numa máquina fotográfica e tirar duas fotografias antes do objeto mudar de direção e se afastar para fora de vista do casal.

As fotos do casal dias depois aparecem no jornal e a sua originalidade (diferentes das comuns fotos de luzes estranhas à noite) torna-as famosas, chegando a aparecer na revista Life. 17 anos mais tarde, as fotografias são analisadas na Universidade do Colorado e pelo astrónomo da Universidade do Arizona William K. Hartmann, cujas investigações parecem confirmar os pormenores que as testemunhas apresentaram sobre o avistamento do OVNI, concluindo que se trata de facto de um impressionante objeto voador com dezenas de metros de diâmetro. Robert Sheaffer no entanto não parece concordar tanto com as conclusões de Hartmann. Um dos principais argumentos usados por Sheaffer é o de que as luzes que incidem na parede da garagem que aparece na fotografia só podiam, depois de uma análise geográfica do local, vir de uma luz solar durante a manhã, contrariamente ao que o casal Trent referiu (segundo eles o caso ter-se-ia passado perto do pôr-do-sol). No entanto, segundo as investigações do Dr. Bruce Maccabee, um especialista em óptica, as sombras que aparecem na referida garagem não correspondem à da incidência direta da luz solar, mas sim de uma fonte de luz difusa, nomeadamente uma nuvem que, refletindo a luz solar naquele fim de tarde, a redirecionaria para aquele local. As investigações desde especialista resultaram também em conclusões mais precisas sobre a distância e dimensões do objecto:

está a cerca de 1 km de distância, tendo 30 metros de largura e 4 de altura.

Até hoje a origem do objeto nas fotos de Paul e Evelyn Trent mantém-se um mistério.

Abaixo as fotos dos Trent





O CASAL TRENT

Por Reinaldo Stabolito



Terminava o dia de 11 de Maio de 1950 com o céu encoberto. Eram 19:30 horas e a senhora Evelyn Trent seguia seu hábito diário de ir alimentar seus coelhos, que ficam num viveiro no

quintal. Sua casa se situada a uns 16 km ao sudoeste de McMinnville, Oregon (EUA). O marido, Paul Trent, permanece dentro da casa, possivelmente dedicado a algum trabalho. Porém naquele dia aconteceu algo

inusitado: a senhora Trent observa um objeto estranho que se deslocava em direção noroeste. A estranha presença do objeto fez com que a senhora Trent saísse correndo a procura do marido. Paul Trent vai até o quintal com sua esposa e observa também o UFO, que lentamente segue seu deslocamento.

Naquele instante, Paul Trent lembrou que no seu carro tinha uma máquina fotográfica e saiu para procurá-la, mas sua esposa lhe diz que a mesma se encontrava na casa. Paul entra em casa, apanha a câmara e começa a focar o objeto. A câmara estava carregada com um filme que ainda tinha duas ou três fotos disponíveis. Enquanto isso, o UFO se aproxima lentamente e agora o casal Trent podia observá-lo com maior nitidez: era prateado, brilhante e não deixava qualquer rastro de fumaça no seu silencioso vôo. O objeto estava girando e, nesse instante, Paul bate a primeira fotografia. Em seguida, o UFO acelera girando para o norte, momento em que Paul bate a segunda fotografia. Neste clássico caso ufológico, há dois fatos que contribuem para a sua credibilidade:

01 – A terceira e última foto do filme dos Trent não foi utilizada até três dias depois (dia das Mães).

02 – Bill Power, o autor do artigo que daria publicidade ao caso, afirmou que encontrou os negativos no chão do escritório de Paul, em baixo da mesa onde as crianças estiveram brincando.

O caso das fotografias do casal Trent foi investigado pelo Comité Condon, sendo seu resultado surpreendente, já que não se pôde encontrar nada que

evidenciasse um truque ou má fé por parte das testemunhas. De facto, a análise dos negativos deu resultado comprovando que o objeto era assimétrico e que ambas as fotografias podiam superpôr-se, coincidindo nos seus mínimos detalhes.

Era impossível que se tratasse de uma miniatura lançada ao ar, a qual deveria ter estado dotada de um mínimo de movimento rotativo, que teria impossibilitado esta circunstância. Segundo as declarações das testemunhas, Paul Trent teve que mexer-se para a direita, caso contrário a casa teria ocultado o objeto. As fotografias confirmam este facto.

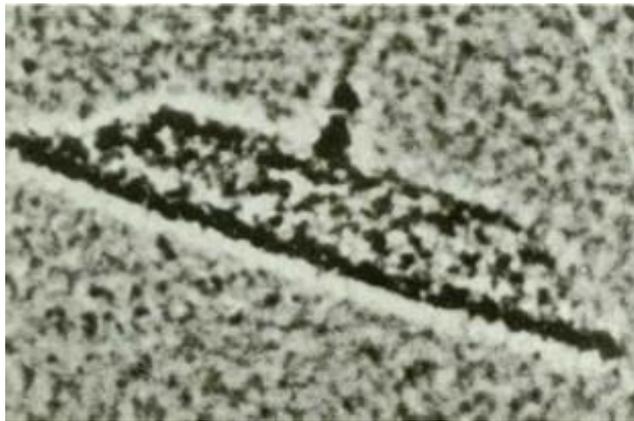
A análise global dos negativos, depois de ser comprovada a fotometria, índice de brilho, etc, concluía textualmente: *"É um dos poucos informes sobre UFOs no qual todos os fatores estudados, sejam geométricos, psicológicos e físicos, estão em perfeito acordo com a hipótese segundo a qual um extraordinário objeto voador prateado, metálico, em forma de disco, de aproximadamente uns trinta metros de diâmetro e evidentemente artificial, foi observado pelas testemunhas"*.

AS FOTOS DO CASAL TRENT:



AS ANÁLISES:

A GSW (Ground Saucer Watch), de Phoenix, Arizona (EUA), empreendeu uma análise computadorizada das fotos do casal Trent. Abaixo, alguns procedimentos e resultados:



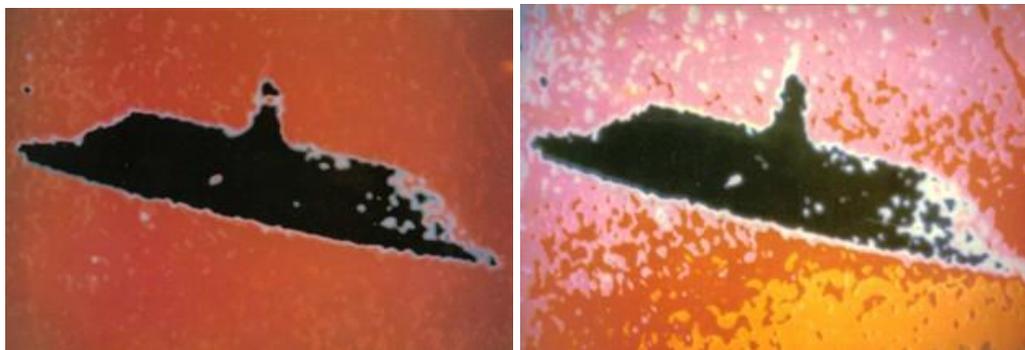
Uma das fotografias de Trent foi dividida em colunas minúsculas – 512 partes na horizontal e 480 na vertical – fazendo 245.760 "células" (pixels). O valor cinzento de cada célula (ou pixel), estava medido em uma escala de 255 divisões (tons) entre o preto e o branco (incluindo o zero temos 256, que é o número 2 elevado a oitava potência – 2^8) por uma máquina especial (scanner), cujos dados alimentaram um computador. O valor de cada célula foi manipulado então pelo computador – filtrou uma determinada densidade selecionada.



E o contraste foi aumentado para clarificar a imagem original.



Semelhantemente, o computador compara os valores de células adjacentes e aumenta ou suprime mudanças de tons moderadas e resulta em uma ênfase de qualquer extremidade no quadro – um método que obtém uma confirmação visual, densidade e refletividade, e normalmente mostra se na parte de cima tem arames ou finos fios segurando um modelo (o que se conclui não ser o caso).



O computador também pode colorir áreas da imagem que compartilha um jogo semelhante de valores, com contornos, assim enfatizando as bordas de interesse particular. A GSW concluiu que a fotografia retratou um UFO de grandes dimensões, aproximadamente 65 a 98 pés (20 a 30 metros) de diâmetro, não muito distante da máquina fotográfica, no céu.



NOTA: Estas são das fotos mais bem estudadas e não existem dúvidas quanto ao facto de serem verdadeiras.